

TABELA 292. Índice médio de espiga e produção de grãos, em kg/ha, obtidos no ensaio de avaliação de milho precoce, em diferentes sistemas de plantio, CNPMS Sete Lagoas, MG, 1988/89 e 1990/91.

Cultivar	Densidade (1.000 plantas)	Sistemas ¹ de plantio	Índice de espiga		Produção de grãos (kg/ha)	
			1988/89	1990/91	1988/89	1990/91
BR 201	40	FD - 1.50m	1,06	1,21	5.419	7.167
		FD - 1.00m	1,01	1,25	6.357	7.806
		FS - 1.00m	1,17	1,26	6.312	7.173
		FS - 0.75m	1,00	1,25	7.004	7.513
	Média		1,06	1,24	6.273	7.414
	60	FD - 1.50m	1,02	0,89	6.369	7.244
		FD - 1.00m	0,90	1,01	6.688	8.765
		FS - 1.00m	0,98	1,26	6.962	7.969
		FS - 0.75m	0,92	1,03	6.757	7.947
	Média		0,96	1,00	6.694	7.981
	80	FD - 1.50m	0,98	0,85	6.226	6.825
		FD - 1.00m	0,82	0,88	6.392	7.356
FS - 1.00m		0,94	0,91	6.610	7.313	
FS - 0.75m		0,86	0,92	6.881	7.854	
Média		0,90	0,89	6.527	7.337	
C-606	40	FD - 1.50m	1,50	1,07	5.051	5.547
		FD - 1.00m	0,99	1,22	6.425	5.056
		FS - 1.00m	1,15	1,03	5.508	6.236
		FS - 0.75m	1,00	1,03	5.703	6.556
	Média		0,98	0,95	5.219	7.006
	60	FD - 1.00m	0,93	0,99	5.784	7.567
		FS - 1.00m	1,02	0,99	5.608	7.175
		FS - 0.75m	0,95	1,03	6.407	7.289
		Média		0,97	0,99	5.754
	80	FD - 1.50m	0,89	0,93	5.659	7.246
		FD - 1.00m	0,90	0,93	5.840	6.392
		FS - 1.00m	0,85	0,93	5.949	8.202
FS - 0.75m		0,83	0,96	6.355	7.562	
Média		0,86	0,94	5.950	7.350	
40	FD - 1.50m	1,13	1,01	3.940	4.047	
	FD - 1.00m	1,00	1,12	4.106	4.666	
	FS - 1.00m	1,09	1,28	4.321	4.378	
	FS - 0.75m	0,93	1,12	4.822	4.786	
Média		1,03	1,13	4.297	4.469	
CMS 350	60	FD - 1.50m	1,07	1,13	4.297	4.251
		FD - 1.00m	0,95	1,00	4.203	4.967
		FS - 1.00m	1,02	1,11	4.597	4.662
		FS - 0.75m	0,94	0,98	4.516	6.438
	Média		1,00	0,92	4.456	3.853
	80	FD - 1.00m	0,87	1,01	4.575	4.717
		FS - 1.00m	0,98	0,95	4.633	4.593
		FS - 0.75m	0,84	0,95	5.159	5.425
		Média		0,92	0,96	4.705

¹FD = Fileiras duplas espaçadas de 1,50 e 1,00m
FS = Fileiras simples espaçadas de 1,00 e 0,75m.

TABELA 293. Produção de grãos (kg/ha), em diferentes densidades e sistemas de plantio, obtida no ensaio de avaliação de milho precoce, em diferentes sistemas de plantio. CNPMS, Sete Lagoas, MG, 1990/91.

Densidade (1.000 plantas)	Sistemas ¹	Produção de grãos (kg/ha)			Média
		BR 201	C-606	CMS 350	
40	FD-1,50m	7.167	5.547	4.047	5.587
60	FD-1,50m	7.244	7.006	4.251	6.167
80	FD-1,50m	6.825	7.246	3.853	5.974
Média		7.078	6.599	4.050	5.909
40	*FD-1,00m	7.806	6.056	4.666	6.179
60	FD-1,00m	8.785	7.567	4.967	7.099
80	FD-1,00m	7.356	6.392	4.717	6.155
Média		7.975	6.671	4.783	6.477
40	**FS-1,00m	7.173	6.236	4.378	5.929
60	FS-1,00m	7.969	7.175	4.662	6.602
80	FS-1,00m	7.313	8.202	4.593	6.702
Média		7.485	7.204	4.544	6.411
40	**FS-0,75m	7.513	6.556	4.786	6.285
60	FS-0,75m	7.947	7.289	6.438	7.224
80	FS-0,75m	7.854	7.562	5.425	6.947
Média		7.771	7.135	5.549	6.818
Média ge- ral		7.577	6.902	4.731	6.403

¹FD = Fileiras duplas espaçadas de 1,50m e 1,00m
FS = Fileiras simples espaçadas de 1,00m e 0,75m

TABELA 294. Produção de grãos em (kg/ha) independente do sistema de plantio, nas diferentes densidades, obtidas no ensaio de avaliação de milho precoce, em diferentes sistemas de plantio. CNPMS, Sete Lagoas, MG, 1990/91.

Densidades (1000 Plantas)	Produção de grãos (kg/ha)			Média
	BR 201	C 606	CMS 350	
40	7.414	6.908	4.469	5.993
60	7.981	7.259	5.079	6.773
80	7.337	7.350	4.647	6.444
Média	7.577	6.902	4.731	6.403

COMPORTAMENTO DE CULTIVARES DE MILHO EM MONOCULTIVO E EM CONSORCIAÇÃO COM O FEIJÃO EM DIFERENTES NÍVEIS DE ADUBAÇÃO

São restritas as informações disponíveis sobre adubação mineral para os cultivos consorciados, sobretudo no caso de milho e feijão. Não existem dados conclusivos que permitam assegurar que recomendações existentes de fertilizantes para o monocultivo possam ser empregadas para a consorciação. As cultivares de milho utilizadas neste trabalho, exceção do Cateto Sete Lagoas, são materiais criados recen-

temente pelos melhoristas, portanto, quase não existe informação sobre os mesmos em consorciação com o feijoeiro. Em face das circunstâncias relatadas, foi elaborado este trabalho, objetivando o estudo de níveis de adubação e cultivares de milho na consorciação com o feijoeiro comum.

As cultivares de milho utilizadas foram BR 201, Cateio Sete Lagoas e CMS 350 e, de feijão, a Carioca.

Os resultados permitem concluir que o melhor desempenho do consórcio foi observado quando utilizou-se o híbrido BR 201, o qual apresentou maior produtividade de grãos e exerceu sobre o feijão competição semelhante aos das outras duas cultivares. Ficou estabelecido também que parte da competição exercida pelo milho sobre o feijoeiro consorciado é por nutrientes, uma vez que a melhor eficiência do consórcio foi obtida na presença dos maiores níveis de fertilizantes (Figura 52). - *Israel Alexandre Pereira Filho, Magno Antônio Patto Ramalho, José Carlos Cruz.*

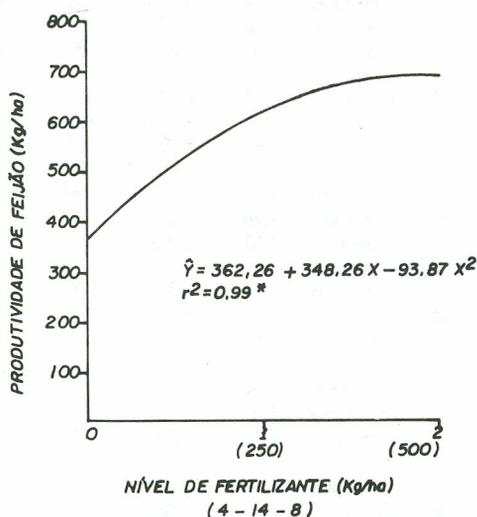


FIGURA 52. Equação de regressão para o efeito dos níveis de fertilizantes na produção do feijão consorciado com o milho. CNPMS, Sete Lagoas, MG, 1992.

CULTIVARES DE MILHO PRECOZE SEMEADAS EM FILEIRAS DUPLAS EM CONSÓRCIO COM O FEJÓEIRO COMUM

Vários tipos de arranjos da consorciação milho x feijão foram exaustivamente pesquisados por inúmeros estudiosos do assunto. Entretanto, os estudos não contemplaram os sistemas compostos por fileiras duplas associadas a diferentes densidades de plantio. Por essa razão, foi elaborado este trabalho, cujo objetivo foi estudar o consórcio do feijão com o milho semeado em fileiras duplas, envolvendo cultivares de milho precoce, densidades de plantio e as interações desses fatores sobre a produtividade do feijoeiro.

Neste trabalho, foram envolvidos os genótipos de milho: BR 201, C-606 e CMS 350. A densidade de plantas nas fileiras duplas foram 40 e 60.000 plantas/ha, enquanto que na

fileira simples foi de 40.000 plantas/ha; a cultivar de feijão foi a carioca.

Os resultados permitem concluir que a produção do milho não foi influenciada pelos sistemas de plantio, isto é, o milho pode ser plantado tanto em fileiras duplas como em fileiras simples, sem provocar alterações de produção. Quanto às cultivares, a BR 201 apresentou-se como a mais eficiente em todos os sistemas, além de proporcionar boa combinação nas produções de milho e feijão. Quanto ao aumento ou redução da produção do feijão, o sistema de plantio depende da cultivar de milho utilizada, como evidencia a Figura 53. - *Israel Alexandre Pereira Filho, José Carlos Cruz, Antônio Carlos de Oliveira, Magno Antônio Patto Ramalho.*

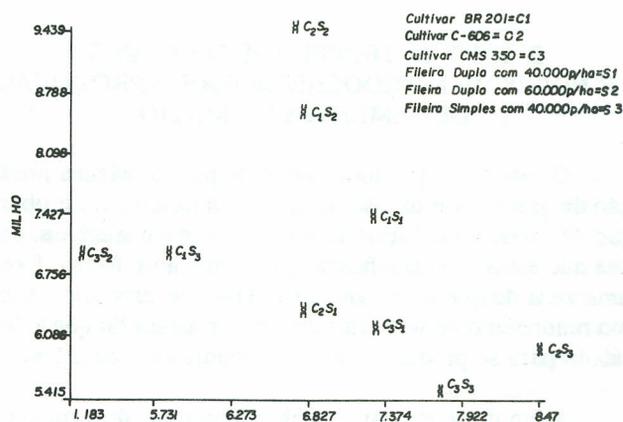


FIGURA 53. Dispersão gráfica de 3 cultivares de milho consorciadas com feijão, em 3 diferentes sistemas de plantio. CNPMS, Sete Lagoas, MG, 1989/90.

INFLUÊNCIA DA DENSIDADE DE PLANTIO E CULTIVARES DE MILHO SOBRE A INCIDÊNCIA DA ENERGIA LUMINOSA NO FEJÓEIRO CONSORCIADO

A luz é um dos fatores de relevada importância para o processo produtivo do feijoeiro consorciado com o milho. No entanto, poucos trabalhos têm dedicado atenção ao aspecto fisiológico da consorciação milho-feijão.

Visando estudar o efeito isolado da luz sobre o feijoeiro consorciado, foi conduzido um trabalho, em Patos de Minas, MG, na forma de consórcio de substituição, sendo o milho semeado em outubro e o feijão em fevereiro, logo após a maturação fisiológica da gramínea.

As cultivares de milho utilizadas neste trabalho foram: BR 201, Cargill 606 e Cargill 111S e a cultivar de feijão Carioca. Foram estudadas as densidades de 20, 40 e 60 mil pl/ha de milho, sendo que a metade dos tratamentos sofreu processo